

Governo Lula negocia cargos com centrão e acena com emendas



Lula aperta a mão do presidente da Câmara, Arthur Lira. Gabriela Bli6 - 11.jan.23 / Folhapress

Governo negocia cargos com centrão e quer sobra de verba para ampliar base

Republicanos, PP e até PL pedem estatais e postos regionais; R\$ 10 bi das extintas emendas de relator viram moeda de troca

Thiago Resende e Julia Chaib

BRASÍLIA Auxiliares do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) já deram início às negociações com partidos que foram aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Líderes de Republicanos, PP e até PL abriram o canal com a articulação política do governo petista, apresentaram pedidos de cargos de segundo e terceiro escalões, e, em troca, prometeram ao Planalto votos de parte de cada bancada.

A negociação tem sido caso a caso e coordenada pela Secretaria de Relações Institucionais, comandada pelo ministro petista Alexandre Padilha.

O governo quer tentar selar a adesão de siglas menores, como Podemos, Cidadania e Solidariedade, até a próxima semana, quando deve ocorrer a reunião do Conselho Político — grupo de partidos aliados de Lula.

Em relação ao núcleo da antiga base de Bolsonaro, Padilha já se reuniu com o líder do Republicanos na Câmara, deputado Hugo Motta (PB). No PL, a conversa tem sido com o líder da sigla, deputado Alneu Côrtes (RJ) — que é próximo do presidente do partido, Valdemar Costa Neto.

O diálogo com o PP ocorre via o presidente reeleito da Câmara, Arthur Lira (AL), e alguns deputados da ala lulista da bancada, como Agnaldo Ribeiro (PB), que deve relatar a proposta de reforma tributária na Casa. A função é disputada por ser uma pauta prioritária de Lula.

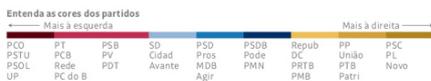
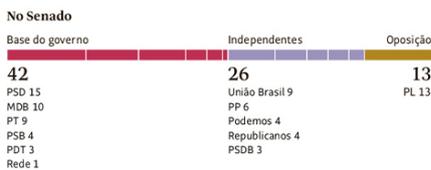
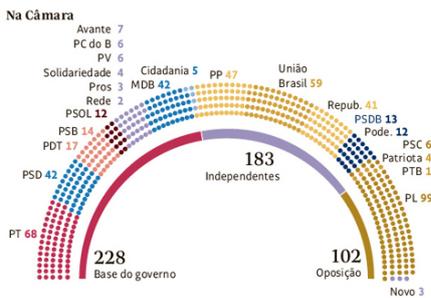
Os três partidos não são da base de apoio do presidente no Congresso. O governo também não espera uma adesão formal deles no curto prazo.

Segundo articuladores de Lula, a negociação de cargos deve ampliar as alianças políticas. O foco principal é a Câmara, onde o grupo formado por PP, PL e Republicanos (maiores expoentes do centrão) têm mais força. Integrantes do Planalto dizem que essas tratativas ainda vão se estender ao longo de fevereiro.

O apetite dessas legendas é por cargos na Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba), no DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), no FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) e nos Correios, entre outros. A União Brasil também já apresentou interesse nessas posições. Por isso, a ideia é o governo distribuir uma estatal para cada partido e incluir no pacote outros cargos do Executivo de menor porte.

Nesta semana, o governo in-

Base de Lula na Câmara e no Senado



As posições dos partidos foram calculadas a partir de sete questões: votação dos deputados da legenda na Câmara, coligações, autodeclaração dos congressistas, frentes parlamentares, opinião de especialistas, migração partidária e posicionamento no GPS Ideológico da Folha

dicou que colocará em negociação uma diretoria do FNDE e três diretorias dos Correios. Essa negociação foi encampada pelo deputado Elmar Nascimento (União Brasil), preterido nas indicações para o ministério de Lula.

O deputado seria o ministro da Integração Nacional, mas foi barrado pelo PT da Bahia. Depois disso, o governo teve de fazer acenos a Elmar.

Enquanto o impasse semântico, o governo deve analisar o restante da lista de pedidos do centrão, que reúne indicações para cargos regionais, como coordenadorias e superintendências estaduais de estatais loteadas pelo centrão (Codevasf e DNOCS) e de outros órgãos, como o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

A expectativa de articuladores políticos de Lula é que, com as negociações, o governo poderá contar com cerca de 15 votos do Republicanos (cujas bancada é de 40 deputados) e cerca de 20 votos do PL (que tem 99 deputados). O apoio do PP ainda não está

R\$ 9,85 bilhões

é o valor que sobrou das antigas emendas de relator e que acabaram sendo incorporado ao orçamento dos ministérios

186

é o número de deputados de PL, Republicanos e PP somados, partidos que formaram a base do governo Bolsonaro no Congresso

claro e depende de Lira. O partido tem 47 votos na Câmara. Como mostrou a Folha, o PT construiu um acordo com o Republicanos no fim do ano passado, em um primeiro movimento para futura adesão da legenda à base governista.

O partido apoiou a candidatura do presidente do Republicanos, deputado Marcos Pereira (SP), para a primeira vice-presidência da Câmara na eleição da quarta-feira (1º) e entregou votos para Jhonatan de Jesus (Republicanos-RR) na disputa por uma vaga aberta no TCU (Tribunal de Contas da União), em votação realizada na última quinta-feira (2).

Outra estratégia para ampliar a base do governo no Congresso é a distribuição de emendas parlamentares. Auxiliares do presidente afirmam que a ideia é usar quase R\$ 10 bilhões que estavam previstos para emendas de relator.

Esse tipo de emenda ganhou expressão no governo Bolsonaro e foi usado como moeda de troca em negociações políticas.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 4